

# AS TECNOLOGIAS DIGITAIS, MEMÓRIA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PERSPECTIVA INOVADORA

DANIELLE SOBRAL PORTO COSTA\*

Secretaria Municipal de Educação de Salvador

<https://orcid.org/0000-0001-9851-2132>

GILMÁRIO MOREIRA BRITO\*\*

Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0001-9349-1993>

## RESUMO

Considerando a importância de recuperar a memória e trajetória da Educação de Jovens e Adultos, dos avanços tecnológicos e da inovação na educação contemporânea e a relevância do uso das tecnologias nas salas de aula, o presente artigo tem como objetivo dialogar com diversos autores que corroboram com a temática abordada visando a transformação digital nas escolas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual a coleta das informações foi realizada a partir do levantamento de autores e análise de ideias propostas por artigos e livros acerca do tema investigado. Conclui-se que as tecnologias educacionais digitais potencializam a aprendizagem, possibilitam aulas dinâmicas, colaborativas, democratiza o acesso à informação, ao conhecimento e inclui os estudantes da EJA ao mundo digital, promovendo a equidade social.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Tecnologias digitais; Equidade social.

## ABSTRACT

### DIGITAL TECHNOLOGIES, MEMORY AND YOUTH AND ADULT EDUCATION: AN INNOVATIVE PERSPECTIVE

Considering the importance of rescuing the memory and trajectory of EJA, technological advances and innovation in contemporary education and the religion of the use of technologies in classrooms, this article aims to dialogue with several authors who corroborate with the theme addressed in order to digital transformation in schools. This is a bibliographical research, in which the collection of information was carried out from the survey of authors and analysis of ideas proposed by articles and books on the subject investigated.

---

\* Professora e Vice-Diretora da Rede Municipal de Salvador. Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos da UNEB. Grupo de Pesquisa – Gestão, organização e Políticas Públicas em Educação. E-mail: [danielleporto22@gmail.com](mailto:danielleporto22@gmail.com)

\*\* Doutor em História Social pela PUC SP. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia, DEDC, Campus I. Líder do Grupo de Pesquisa GEHCEL - Estudo Educação, História, Culturas e Linguagens. E-mail: [gilmariobrito@gmail.com](mailto:gilmariobrito@gmail.com)

It is concluded that digital educational technologies enhance learning, enable dynamic, collaborative classes, democratize access to information and knowledge and include EJA students in the digital world, promoting social equity.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Digital technologies; Social equity.

## RESUMEN

### TECNOLOGÍAS DIGITALES, MEMORIA Y EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS: UNA PERSPECTIVA INNOVADORA

Considerando la importancia de recuperar la memoria y trayectoria de la Educación de Jóvenes y Adultos, los avances tecnológicos y la innovación en la educación contemporánea y la relevancia del uso de la tecnología en las aulas, este artículo pretende dialogar con varios autores que corroboran con el tema abordado con miras a lo digital. transformación en las escuelas. Se trata de una investigación bibliográfica, en la que la recolección de información se realizó a partir de la encuesta a autores y análisis de ideas propuestas por artículos y libros sobre el tema investigado. Se concluye que las tecnologías digitales educativas potencian el aprendizaje, posibilitan clases dinámicas y colaborativas, democratizan el acceso a la información, al conocimiento e incluyen a los estudiantes de la EJA en el mundo digital, promoviendo la equidad social.

**Palabras Clave:** Educación de Jóvenes y Adultos; tecnologías digitales; Igualdad Social.

## INTRODUÇÃO

Historicamente a Educação de Jovens e Adultos tem sido uma modalidade de ensino marginalizada, grupos sociais, pesquisadores vêm atuando em defesa desse público, buscando o engajamento de educadores sensíveis às lutas tendo em vista desvelar a potência dos estudantes da EJA, tomando como premissa a valorização de seus saberes e experiências de vida no processo de ensino/aprendizagem. Para tanto, é primordial recuperar a memória social desses sujeitos para fortalecê-lo como grupo.

Referenciar histórias, reconhecer os saberes, incentivar o pertencimento, respeitando as aspirações, as habilidades e as competências adquiridas pelos/as alunos/as nas experiências de vida é uma forma de dignificar a memória dos estudantes jovens e adultos. Para apoiá-los nas novas conquistas de acesso a uma educação de qualidade é importante prestar informações atualizadas e o acesso às tecnologias para uso social dos recursos digitais são suportes que

podem fortalecer a cidadania e beneficiar a população brasileira vulnerável.

Neste artigo destacamos a importância de reconhecer os jovens-adultos como membros de coletivos sociais cujas memórias e trajetórias de vida são basilares para o reconhecimento das aprendizagens que podem fortalecê-los como cidadãos de direito. Pensando em uma educação de qualidade que oferece o uso de tecnologias digitais como forma de ampliar as possibilidades de acesso ao conhecimento, à cultura, ao lazer e a cidadania para a viabilização do protagonismo do estudante chamamos a atenção para a importância deste estudo que propõe a inclusão digital e social na Educação de Jovens e Adultos.

A tecnologia no âmbito educacional acelerou a transformação digital nas salas de aula, em especial no período da pandemia, em que os profissionais da educação foram convocados a trabalhar com o ensino remoto, possibilitando usar as tecnologias digitais como mais um re-

curso de intervenção pedagógica no processo de ensino/aprendizagem e que se estabeleceu nas escolas da contemporaneidade.

De forma contextualizada e com recursos tecnológicos compatíveis à realidade de cada instituição escolar é possível criar um ambiente dinâmico e mais atrativo para os estudantes. Nesse sentido, é relevante refletir acerca da necessidade de oportunizar o desenvolvimento de propostas pedagógicas reais, a partir do uso das tecnologias digitais nas escolas públicas, em especial nas salas de aula da EJA, buscando a inserção social desses estudantes na era digital.

Disponibilizar as tecnologias digitais em sala de aula, de maneira estruturada e adaptada ao currículo escolar, possibilita a construção do conhecimento impulsionando a aprendizagem, desenvolvendo investigações, análises, raciocínio, pensamento, observação com a mediação do educador. Legitimar essa perspectiva de trabalho estimula os professores a dinamizarem as aulas, alicerçados por intervenções criativas e recursos tecnológicos inovadores capazes de viabilizar a transformação digital para os estudantes da EJA.

Diante do exposto, para contextualizar e fundamentar o estudo apresentado neste artigo dialogamos com diversos teóricos que corroboram com a aplicação das tecnologias digitais nas salas de aula, em especial nas turmas da EJA, muitas vezes consideradas ‘invisíveis’ aos governantes, que, de uma forma geral, priorizam as turmas regulares, consideradas investimentos para o futuro e limitam-se a afirmar modalidade da EJA como mais onerosa e complexa pela dificuldade de manter os estudantes na escola ou de ofertar ações de educação popular.

Partindo do pressuposto que a tecnologia digital contribui para potencializar a construção do conhecimento foi adotado como objetivo geral: dialogar com autores que apoiam o uso das tecnologias com o foco na inovação nas salas de aula da EJA. Para além de fomentar a aprendizagem, é importante validar a constru-

ção do conhecimento como um dos principais fatores de superação das desigualdades sociais e, em parceria com as tecnologias digitais, é uma oportunidade para uma nova leitura de mundo, oportunizando um pensar educacional diferenciado para os estudantes desta modalidade de ensino. Concernente a este aspecto, é também uma contribuição para aprimorar as práticas de ensino, demonstrando que as tecnologias estão disponíveis para serem agregadas aos recursos pedagógicos já existentes, interligando o educando ao mundo tecnológico, de forma contextualizada à sua realidade.

Para consolidar o estudo foram definidos como objetivos específicos: reconhecer as trajetórias e memórias sociais dos alunos da EJA como impulsionadoras de aprendizagens; reunir e analisar autores que validam as práticas educativas tecnológicas a fim de reforçar o uso dos recursos tecnológicos por parte dos professores e alunos da EJA, visando a integração das tecnologias digitais nas salas de aula e validar as tecnologias digitais como elemento que fortalece a equidade social na EJA, em virtude de possibilitar oportunidades para todos, apoiando a eficiência entre escola e tecnologias digitais, de forma interativa e crítica na perspectiva da equidade e da justiça social.

Para subsidiar essa investigação foi definida a pesquisa bibliográfica por ser mais adequada para responder aos objetivos propostos, vez que está pautada no levantamento e na revisão de obras publicadas sobre a temática abordada. Nessa perspectiva, para nortear a construção da argumentação da pesquisa será coletado os principais pontos de vista de teóricos acerca das tecnologias e da igualdade de oportunidade para os estudantes da EJA.

O estudo se organiza em três categorias partindo de uma pesquisa teórica apoiada numa bibliografia selecionada. Na primeira, válida e recupera a importância da memória social do público da EJA, posteriormente, é abordada a relevância da utilização das tecnologias digitais como mais um recurso para ser utilizado nas salas de aula e como componente que potencia-

liza a aprendizagem no processo educativo. Por fim, é apresentada a promoção da igualdade de oportunidades para os estudantes da EJA, sujeitos de direito em prol de justiça social.

## PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia é uma maneira de materializar a busca do conhecimento através de uma pesquisa, visando a formulação de uma produção científica, que tem como objetivo encontrar soluções para o problema proposto. Segundo Gil (2019, p. 50) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Nessa perspectiva foi adotada uma pesquisa bibliográfica tendo por base material teórico de domínio público já produzido, a partir da análise de artigos, textos científicos de autores que versam sobre o tema que buscam valorizar a memória social da EJA e validar o uso das tecnologias nas salas de aula a favor da transformação digital nas escolas públicas, esclarecendo como o uso das tecnologias digitais são importantes no processo de ensino/ aprendizagem na contemporaneidade. As bases teóricas foram organizadas com materiais concernentes as tecnologias na educação e com pesquisas referentes a inclusão social dos estudantes da EJA que participam de grupos sociais vulneráveis em decorrência de problemas sociais, culturais e socioeconômicos.

Como dispositivo estratégico da pesquisa bibliográfica foram definidas as seguintes etapas: definição do tema a ser pesquisado; organização e pré-análise, visando à preparação da elaboração do plano de trabalho que abrangeu a estrutura da pesquisa científica: introdução, desenvolvimento e conclusão, bem como englobou a formulação do problema e dos objetivos. Em seguida foi identificado a pertinência do tema no estudo na contemporaneidade; reunidos de forma sistemática os artigos, livros, material eletrônico com o propósito de realizar

a interpretação, extrair as conclusões e organizar as fontes das referências.

O estudo foi apoiado em referências consistentes, levou em consideração a confiabilidade das fontes que possibilitaram realizar uma análise congruente, alcançar resultados satisfatórios e coerentes com realidade, para chegar as conclusões que alicerçaram as respostas aos questionamentos iniciais da pesquisa.

## A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA SOCIAL NA RECUPERAÇÃO DA POTÊNCIA E VALORIZAÇÃO DE ESTUDANTES JOVENS-ADULTOS

A legislação brasileira prevê o direito à educação para todos, dessa maneira, é dever dos entes federados, garantir a oferta pública, gratuita e de qualidade a Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino que abrange condições de aprendizagem singulares, com contextualização do currículo, metodologias flexíveis, atuais e adaptáveis à realidade dos alunos da contemporaneidade, disponibilizando, inclusive, acesso às tecnologias. No entanto, tais adaptações, nem sempre são consideradas, em virtude da infantilização das propostas pedagógicas e da apresentação do currículo de forma pouco significativa e desconectada das necessidades de aprendizagem dos estudantes dessa modalidade de ensino. Sabe-se que histórias, trajetórias, valores, anseios, cultura, hábitos de vida dos alunos da EJA, precisam ser considerados, pois o aprendizado desses sujeitos inicia-se muito antes de frequentarem a escola, trata-se de uma aprendizagem permanente nas relações interpessoais permeada pelo diálogo, experiências, vivências e significados construídos ao longo da vida.

Segundo Brito e Rocha (2022), quando se reflete sobre escolarização, é imprescindível buscar compreender as experiências trazidas pelos jovens estudantes para o interior da escola. Tal concepção permite considerar que a instituição escolar enquanto espaço de cons-

trução de diversos saberes não pode se limitar a função de transmissão dos conhecimentos, é preciso ressignificar, transformar práticas educativas sedimentadas ao longo do tempo, buscar informações atuais, fazer uso social dos recursos digitais, compreender a cultura escolar no cotidiano visando impulsionar a aprendizagem. Nesse sentido, partimos do pressuposto, apoiado por Freire (1971) de que os professores, ao tratarem da realidade vivida dos educandos, podem criar possibilidades de aprendizagens, priorizando o diálogo permanente, capaz de gerar um ambiente com construção de saberes contextualizados e significativos, reconhecendo as experiências de vida e os conhecimentos das vivências não-escolares anteriores, vez que:

o adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação à criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem (OLIVEIRA, 2001, p. 18).

Nessa perspectiva, a construção do currículo com a participação de todos os envolvidos no processo educacional, a partir de metodologias e práticas pedagógicas aliadas as tecnologias que valorizam o conhecimento do educando, em todas as dimensões, dignificando-o como sujeito de saberes diversos, ativos e potentes.

Para além de valorizar a potência dos saberes do estudante da EJA, é pertinente recuperar no estudo da memória social, traços do passado que permanecem pulsantes na vida social, primando pela qualidade da Educação de Jovens e Adultos baseada na significação proposta pelos sujeitos. Um dos tópicos fundamentais intrínsecos ao processo de ensino/

aprendizagem desse público são as memórias que fazem parte da composição dos indivíduos e repercutem em suas experiências ao longo da vida. Segundo Pollak (1989, p.3) “uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais”. Nesse sentido, os indivíduos partilham de uma mesma realidade a partir de uma conexão das memórias individuais com a memória coletiva de um determinado grupo e são movidos na contemporaneidade por objetivos comuns.

Dessa forma, a relação entre memória e identidade é sentida tanto no plano individual, permitindo um sentimento de continuidade, quanto no plano coletivo, favorecendo um sentimento de pertencimento aos membros do grupo (JODELET, 1999). Nessa perspectiva, reconhecer e valorizar os acontecimentos passados são relevantes à preservação das memórias individuais ou grupais, entretanto, é válido destacar que as práticas sociais, reforçadas pelas diferenças socioeconômicas, culturais, étnicas sinalizam particularidades grupais que, são as referências sociais que criam a identidade e que interferem na percepção do mundo e nas memórias.

Ofertar condições para reintegração dos educandos da EJA na sociedade contemporânea como sujeitos ativos, críticos e não consumidores passivos das informações é um processo contínuo de ação-reflexão, requer uma mediação diferenciada por parte dos profissionais da educação que envolve as diversas dimensões, em especial, a recuperação e valorização das memórias desses grupos como referência para superar a condição de exclusão. Segundo Schwartz (1990), a memória social atua como uma reconstrução do passado, adaptando a imagem dos fatos antigos às crenças e necessidades do presente, assim tais representações podem ser (re)construídas em um processo contínuo em que as experiências vividas pelos estudantes da

EJA, no âmbito da instituição escolar, poderão contribuir para a consolidação de uma visão de potência dos jovens e adultos, destacando a predominância das suas habilidades e valores que os despertem para se orgulhar das trajetórias e conquistas. De acordo Moscovici (2003, p. 242), “todos os nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas dela”. Assim, provocar dispositivos da memória abre possibilidade de recuperar dimensões de um passado que permanece vivo, associado a novas informações e experiências que não podem ser silenciadas, diluídas com o tempo, controladas por exigências ou necessidades para viabilizar algo ou alguém.

[...] muitas memórias coletivas, plurais, [são] mantidas por interesses de seus grupos de referência social. Por sua vez, tais memórias não são lineares, se imbricam e dependem, dialeticamente, da capacidade de consciência que determinados grupos mantêm sobre seu pertencimento em uma dada formação social. Assim, deparamo-nos com o fato de que algumas memórias são constantemente ressaltadas, priorizadas, e outras relegadas, esquecidas. Este fato implica afirmar a existência de um controle do uso da memória valendo-se da necessidade de manutenção e/ou reprodução de determinadas relações sociais. (MAGALHÃES; ALMEIDA, 2011, p. 101).

Desse modo, consideramos que os estudos da memória social, do ponto de vista da história, não podem ser reduzidos apenas aos conhecimentos de uma realidade passada, deve-se argumentar no diálogo com os estudantes que se sentem pertencentes ao processo, acerca dos significados das memórias, como e quando foram produzidas, por quem e como tem se relacionado na contemporaneidade como elemento transformador das relações sociais educacionais que, no futuro próximo, pode repercutir na percepção do mundo e nas memórias desses alunos dotados de imensa potência de saberes podem agregar dignamente novos recursos pedagógicos de uma educação de qualidade com acesso as tecnologias digitais.

## TECNOLOGIAS E A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: UMA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA EJA.

O paradigma tecnológico contemporâneo vem favorecendo formas colaborativas de trabalho e, no âmbito educacional, não é diferente. É possível utilizar as tecnologias nas salas de aula da EJA como recurso potencializador da aprendizagem, contribuindo para o protagonismo do estudante. Refletir numa proposta para a Educação de Jovens e Adultos comprometida com as especificidades individuais dos educandos, aproximando a transformação digital para as salas de aula, expandindo a realidade vivida com o mundo digital é imprescindível na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, a tendência é expandir o uso da tecnologia, ampliar seu uso de forma interconectada com os estudantes. Atualmente, os professores e estudantes, em sua maioria, já dominam a tecnologia para seu uso pessoal, utilizam smartphones, computadores, caixas eletrônicos, fazem uso de aplicativos para diversas finalidades, como pedir uma refeição, acessar bancos, pedir um transporte, baixar músicas, assistir filmes, sendo todos considerados como boa opção para tornar a vida mais prática. Então, por que não integrar essa realidade digital nas salas de aula da EJA? De acordo com Almeida:

O uso de novas tecnologias permite romper barreiras, uma vez que elas possibilitam o acesso mundial à informação e colocam o cidadão em contato com diferentes conteúdos, linguagens e diversidades. Dessa forma, a instalação e o uso de ambientes virtuais passam a ser imprescindíveis no direcionamento dos vários conteúdos a serem aplicados (ALMEIDA, 2014, p.39).

O propósito é de pensar na viabilização do uso das tecnologias em sala de aula pelos professores e alunos, não apenas em laboratórios de informática, de forma isolada, mas que possam utilizá-las de maneira planejada, integrando-as aos conteúdos curriculares, ressignificando as aprendizagens, permitindo

a interação dos educandos com os recursos digitais, favorecendo a autonomia intelectual na EJA e a inserção da inovação nas escolas. Para Amorim (2015) toda inovação educacional deve promover marcas legítimas e significativas que gerem a formação de atitudes positivas, que possam contribuir para a formação de um ambiente pedagógico duradouro, consolidando a criação de uma cultura escolar aberta, movida pelo interesse científico e pelo surgimento de projetos diversos para serem institucionalizados no espaço educativo e social. Assim, torna-se importante que os profissionais da educação estejam em constante aperfeiçoamento, desenvolvam competências tecnológicas, de acordo a realidade das instituições do ensino, concretizando propostas pedagógicas alinhadas a linguagem digital em prol de uma aprendizagem dinâmica.

Com relação ao campo educacional e na tentativa de se romper com a ideia de que haveria polarização entre a ação de professores e alunos, entende-se haver trocas e alternâncias, em um processo dialógico por essência, para ocorrência de aprendizagens. Buscam-se, portanto, processos comunicativos mais dinâmicos que rompam com o pensamento de que o ato comunicativo seria resultado de emissão e recepção apenas. (ALONSO, ARAGÓN, SILVA, CHARCZUK 2016, p.156)

O educador enquanto mediador, em parceria com o educando podem criar ambientes de aprendizagem dialógicos, no qual professor e aluno podem aprender juntos, auxiliando o desenvolvimento da criticidade, da parceria na utilização das tecnologias, estas percebidas como um caminho inovador para o ensino-aprendizagem de qualidade. O professor contemporâneo, tecnológico, que saiba gerar conexões, criando sentidos práticos para a aprendizagem, com auxílio da tecnologia dentro e fora da escola transforma e dá outro significado a aprendizagem.

No intuito de fortalecer esse processo dialógico, é imprescindível que todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem internalizem novos conceitos exigidos pela educação

contemporânea e busquem assumir novas posturas diante da necessidade premente de galgar caminhos para uma nova proposta carregada de flexibilidade para lidar com situações que estão em constantes transformações na educação, especialmente para o público dos jovens e adultos que precisa fracionar seu tempo com o trabalho, a família e ao estudos.

Para efetivação dessa transformação, há um longo percurso em busca da inovação, que pressupõe assumir desafios que demandam mudanças na escola como um todo, desde atualização do currículo, do Projeto Político Pedagógico (PPP) aos aspectos estruturais para acesso a conectividade. Como toda mudança exige superação dos desafios, para enfrentá-los, é preciso fortalecer a equipe, buscar conhecimento, integrar saberes, colocá-los em prática e “[...] assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...]”. (FREIRE, 2015, p. 41). Nessa acepção, profissionais da educação e educandos são sujeitos de aprendizagem que, em parceria e dialeticamente, podem construir novos caminhos para aquisição do saber.

A proposta não é substituir o velho pelo novo, nem de substituir o livro pelos recursos digitais, mas sim de mobilizar esforços para melhor repensar e compreender o papel social da escola e empreender novas ações que a reconfigurem. De acordo com Rossetti (2014), há um processo de transição do paradigma vertical para o horizontal. Segundo este autor, no primeiro paradigma, existe uma relação vertical, um emissor transmite a informação ao receptor; no segundo, há uma emissão horizontal, no qual todos recebem e emitem informações o tempo todo. No contexto da escola tradicional, por exemplo, acontece o *broadcasting*, isto é, o professor transmite a informação para os alunos, porém estamos num ambiente em que os próprios educandos já sentem a necessidade de participar da construção do conhecimento.

Nesse processo de transição, os recursos tecnológicos podem facilitar a passagem

do modelo tradicional para uma educação mais dinâmica, com alternância de papéis, nos quais os educandos são parceiros de construção, colaborativos e interconectados. A transmissão de conteúdo do paradigma vertical, realizada a partir do uso das tecnologias pouco possibilita espaço para que o educando atue com criticidade, produza, torne-se cidadão participativo do mundo. O uso das TDIC, na EJA, auxilia na construção e potencialização dos novos saberes, porém o papel do professor continua sendo fundamental na mediação do conhecimento com o objetivo de propor possibilidades diversas individuais ou coletivamente para que o educando resolva problemas e realize tarefas que exijam raciocínio e reflexão contemplando as especificidades dos jovens e adultos, suas singularidades, culturas, identidades.

[...] ler sobre a educação de adultos não é suficiente. É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a alfabetização ou a aquisição de novos conhecimentos que têm sentido. (GADOTTI; ROMÃO, 2011, p.39)

Não tem como tratar a EJA de forma superficial e simplificada. É preciso conhecer, aprofundar nas particularidades, chegar perto, conhecer suas nuances, priorizando o sujeito, ao mesmo tempo que favorecendo a inclusão social, a escolarização, a formação da cidadania e os direitos de uma vida digna e justa. Para fortalecer esses aspectos, a educação em parceria com a tecnologia na contemporaneidade pode ofertar transformações na vida social, econômica, cultural, acesso a informações e maior participação na vida social, política e econômica de forma crítica reflexiva.

As tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos em si, mas estarem nas mãos de educadores, gestores e estudantes com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar. (MORAN, 2018, p.9).

A escola da era digital atua de acordo o mundo multicultural, permanentemente conectado e em acentuada transformação. Com o acesso às tecnologias, docentes e discentes têm a seu alcance aplicativos diversos, gratuitos e acessíveis em qualquer lugar. Nesse sentido, os educadores podem corroborar com a construção do conhecimento de forma motivadora, contribuindo não apenas com autonomia digital do educando da EJA, mas com a emancipação desse aluno de forma integral.

Deste modo, torna-se imperioso pensar em estratégias, projetos para que as TDIC estejam ativas nas instituições de ensino, provocando mudanças e impactos não somente no presente, mas abrindo caminhos futuros alicerçados pela constante inovação. Essa perspectiva de convergência digital nas escolas, fomentada pelas TDIC, contribui para que os estudantes se mostrem cada vez mais protagonistas em suas aprendizagens.

#### Segundo Imbérnon

Para que o uso das TIC signifique uma transformação educativa que se transforme em melhora, muitas coisas terão que mudar. Muitas estão nas mãos dos próprios professores, que terão que redesenhar seu papel e sua responsabilidade na escola atual. Mas outras tantas escapam de seu controle e se inscrevem na esfera da direção da escola, da administração e da própria sociedade (IMBÉRNON 2010, p.36).

Mudar de postura é o que se espera dos profissionais da educação, pois não tem sentido manter o comportamento do passado diante do novo. É preciso ajudar o docente a quebrar paradigmas com relação às novas formas de aprender e, para que essa transformação aconteça, é necessário acolher, incentivar os educadores, como também, é relevante que toda a comunidade escolar participe, que sejam todos sujeitos ativos e possam transformar a própria realidade. As TDIC são elementos estruturantes na formação de cidadãos para o século XXI e a Educação de Jovens e Adultos precisa se aproximar dessa nova realidade, a partir de uma dinâmica que possibilite a inclusão sociodigital.



Um componente fundamental é a formação e atualização dos educadores, de forma que a linguagem tecnológica seja de fato incorporada ao currículo escolar, em consonância com os gestores, alunos, pais e funcionários. Todos poderão auxiliar na transformação da escola em um lugar democrático e promotor de ações educativas. A ideia é atuar de forma gradativa, tornando a linguagem tecnológica como prática de aprendizagem permanente.

O contexto educativo, agora com ênfase no on-line, não admite a hierarquização de saberes, eleição de fontes únicas de informação e entendimento reducionista de comunicação como via de sentido único. Isso redundando na ideia de que os meios, necessariamente, potencializam mediação, interação e interatividade. O despertar sobre a importância dos processos dialógicos para o desenvolvimento humano e educacional alerta-nos para que as TDIC cumpram, de fato, esse potencial. (ALONSO, ARAGÓN, SILVA, CHARCZUK 2016, p.157)

O mundo digital disponibiliza novas formas de aprendizagem, criatividade e inovação, mas essas oportunidades exigem novas habilidades de todos os envolvidos na educação. De tudo isso, depreende-se que é o momento do professor, mesmo aqueles não muito familiarizados com as tecnologias, conheçam os recursos digitais, os *softwares*, programas, e viabilizem essa aprendizagem, com mediação crítica, incorporando habilidades tecnológicas, a fim de desenvolver competências nessa área para que professores e alunos interajam, construindo novos conhecimentos.

Uma educação em parceria com a tecnologia, apresenta-se como uma tendência progressista, um caminho para a realidade atual. Contíguos às tecnologias, outros conteúdos, formas de compreender e competências são exigidas na contemporaneidade. Novas formas de executar o trabalho pedagógico são imprescindíveis e, nesse sentido, torna-se necessário formar continuamente o professor da modernidade para atuar como intercessor neste ambiente permeado pelas tecnologias.

Para Prensky (2011), os imigrantes digitais

não compreenderão a tecnologia da mesma forma que os nativos digitais. Vivemos numa época em que na maioria dos casos, especialmente as crianças e jovens são nativos digitais, ao passo que nossos educadores são imigrantes digitais e, por necessidade, precisam se integrar ao mundo digital. Os nativos digitais, por sua vez, por terem nascido em um mundo em meio às tecnologias, apresentam fluência digital, vivem em rede e não têm medo do novo. No caso da EJA, abarcamos tanto os nativos digitais com suas limitações sociais, que são os jovens e os imigrantes digitais que contemplam os adultos e os idosos.

Corroborando com essas ideias, os autores Palfrey e Gasser (2011) identificam os colonizadores digitais como indivíduos mais velhos, que iniciaram na era digital, mas cresceram em um mundo analógico e vem contribuindo para o desenvolvimento tecnológico, estando conectados no uso das tecnologias, porém baseados nas formas tradicionais e analógicas desse tipo de interação.

Além dos autores supracitados, ainda abordando sobre os imigrantes digitais, Castells (2018) reflete sobre os estudantes atuarem numa cultura digital e os professores advindos de uma cultura analógica e que sentem dificuldade de se aproximar dessa realidade, havendo assim, uma dissonância cognitiva acerca dessa temática. Não obstante, sabemos que não tem como conviver sem as tecnologias na contemporaneidade. É imprescindível fazer as adaptações necessárias e trazer esse novo educando como parceiros de construção do conhecimento. Talvez, o mais custoso para o educador seja sair do lugar de detenção do conhecimento para entender as novas formas de aprender, de construir conhecimentos que ultrapassam os muros da escola, num mundo globalizado e interconectado.

O novo paradigma engloba novas tendências, domínio de habilidades no campo tecnológico e disposição para o novo. A linguagem tecnológica parece ser complexa inicialmente, especialmente para os professores que não

cresceram na era digital, mas com o tempo de utilização, pode parecer bem simples, até mesmo para quem não se considere habilidoso com as tecnologias neste novo mundo digitalmente conectado. A título de exemplo, no livro *Letramento Digital*, os autores Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p.20) ao explicar o que são aplicativos ou apps, apresentam como: “Pedacinhos de *software* baixados da internet”. Como autores diversos estão se apropriando da linguagem que, antes, era específica de programadores digitais, agora estes estão trazendo novas formas de interpretação e compreensão para facilitar, no sentido de simplificar, o entendimento dessa linguagem em outras áreas do conhecimento.

Knobel e Lankshear (2012) refletiram sobre a mudança paradigmática que vivemos atualmente e sua relação com a educação. A descrição de paradigmas tem valor explicativo e não é absoluta. Há uma variação gradativa entre características específicas de pessoas, contextos e sociedades e as tendências gerais utilizadas para o entendimento de determinado paradigma. Nessa acepção, o conhecimento torna-se cada vez mais descentralizado e aberto, uma vez que não só instituições tradicionais, como a escola, como qualquer pessoa pode produzir e distribuir os conteúdos, as informações, utilizando as plataformas digitais.

O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2018), em seu livro, *A Modernidade Líquida*, definiu o comportamento na atualidade, na era digital, descrevendo sobre a fragilidade das relações sociais, do modo de vida, da economia e da produção como tendo a característica de serem líquidos.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos — contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Na Modernidade Líquida essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente

fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade (BAUMAN, 2018, p. 18).

Neste momento histórico no qual as instituições, ideias e relações entre as pessoas mudam de maneira acelerada e imprevisível, tudo é temporário. Nesse sentido, o líquido para esse autor aparece como uma metáfora da modernidade e os líquidos são caracterizados pela incapacidade de manter a forma, ou seja, as transformações precisam ser adaptáveis para se moldar à realidade contemporânea. A modernidade da EJA precisa de educandos e educadores atuantes, com visão crítica de futuro, rumo as transformações, as novas formas de ensinar e aprender, articulados às tecnologias, em consonância com o que há de novo no âmbito da educação e que seja verdadeiramente significativo para o aprendiz.

## TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA VIA DE INSERÇÃO SOCIAL PARA ESTUDANTES DA EJA

A escola precisa ser percebida culturalmente como um direito, especialmente para os estudantes da EJA, sujeitos cujas vulnerabilidades não permitiram ter acesso a ensino de qualidade que é um direito de todo cidadão. Entendemos que as tecnologias digitais na atualidade estão relacionadas à qualidade do ensino porque, além de estarem interligadas diretamente a inovação no âmbito pedagógico de qualquer nível de ensino, promovem também a justiça social, uma vez que incluem os estudantes jovens e adultos na educação da era digital, contribuindo, assim, para atenuar as desigualdades sociais.

Diante do exposto, é possível validar as tecnologias digitais como instrumentos de justiça social. Vale ressaltar que a qualidade do ensino não é mérito apenas do uso das tecnologias alinhadas às práticas pedagógicas, no entanto, se essas ferramentas forem utilizadas de forma adequada, pode potencializar a aprendizagem. Para Souza (2016, p. 301): “A transformação e

o desenvolvimento das camadas sociais menos favorecidas se efetivarão por meio dos direitos e oportunidades iguais para todos, iniciando pela educação”. Neste sentido, o acesso a conectividade e o uso das tecnologias educacionais pelos estudantes jovens e adultos promove o processo de conquista da equidade social e impulsiona a promoção da justiça social.

Adequar as novas formas de aprendizagem com o universo tecnológico, no contexto de mudança atual, é de grande relevância na contemporaneidade. É um direito do educando acessar uma educação de qualidade com base na inovação e, um dos pontos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda é a importância do domínio das tecnologias alinhadas às práticas pedagógicas nas instituições de ensino, de forma que os alunos estejam conectados às informações e saibam fazer uso, construindo novos conhecimentos de forma crítica e reflexiva.

A Base Nacional Comum Curricular contempla o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao uso crítico e responsável das tecnologias digitais tanto de forma transversal – presentes em todas as áreas do conhecimento e destacadas em diversas competências e habilidades com objetos de aprendizagem variados – quanto de forma direcionada – tendo como fim o desenvolvimento de competências relacionadas ao próprio uso das tecnologias, recursos e linguagens digitais –, ou seja, para o desenvolvimento de competências de compreensão, uso e criação de TDIC em diversas práticas sociais. (MEC, 2018)

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação estão mais integradas à educação, visando aprendizagens significativas, alinhadas aos conteúdos curriculares, de forma contextualizada e adaptada à realidade dos alunos, proporcionando um maior interesse, uma nova forma de pensar, refletir, aprender, pois, quando a mediação acontece de forma atraente e dinâmica, estimula a curiosidade e a resolução de problemas.

O importante é apoiar os educadores na implementação das práticas mediadas pela

tecnologia, a partir de uma aprendizagem democrática, colaborativa, na qual todos os envolvidos possam participar, contribuindo com seus saberes, seja professor, seja aluno, um sujeito da comunidade ou um profissional da área específica, parceiro da escola, que possa contribuir com o processo. Nem a tecnologia, muito menos o professor, ou mesmo o aluno sozinho transforma a educação, é preciso o empenho de todos, um objetivo pedagógico, no qual a tecnologia seja um meio para atingir a aprendizagem de forma significativa, e o aluno seja ativo e autônomo, numa sinergia de aprendizagem coletiva.

A equipe gestora precisa motivar o trabalho com as tecnologias de forma interdisciplinar e transdisciplinar junto aos sujeitos envolvidos no processo, assim como definir os caminhos da implementação, incentivando o professor a adequar essa nova dinâmica de aula, a fim de que o aluno e professor se sintam parte dessa transformação, cada um contribuindo de uma forma.

Quanto mais interdisciplinar for o trabalho docente, quanto maiores forem as relações conceituais estabelecidas entre as diferentes ciências, quanto mais problematizantes, estimuladores, desafiantes e dialéticos forem os métodos de ensino, maior será a possibilidade de apreensão do mundo pelos sujeitos que aprendem. (SOUZA, 2016, p.297)

A mudança de paradigmas é inevitável na contemporaneidade. O mundo mudou, está em constante evolução e, no contexto atual, no qual é vivenciado o ápice da influência tecnológica no cotidiano, não tem como continuar adotando posturas educativas antiquadas. Torna-se essencial aplicar práticas inovadoras de aprendizagem, acompanhando as mudanças que ocorrem na realidade dos jovens, adultos e idosos.

É preciso o empenho de todos os sujeitos que compõem a comunidade escolar, a sociedade civil, governos, conselhos, órgãos nacionais e internacionais no sentido de engendrar uma educação de qualidade para e com a EJA.

A solução encontrada apenas endossa o significado marginal da política de Educação de Jovens e Adultos no país, que com poucos recursos e baixo interesse de muitas gestões públicas, continua a fortalecer a ideia de que basta educar as crianças para, num futuro próximo, extinguir naturalmente a EJA. (CATELLI JR, 2019, p. 314-315)

É notável a negligência com a EJA, preferindo-se vê-la diluir ao longo do tempo a tratá-la como algo real. É inaceitável que os governantes sigam no sentido oposto aos preceitos previstos na Constituição Brasileira e na Lei de Diretrizes e Bases. É importante fortalecer o direito fundamental de acesso e permanência na escola dos estudantes jovens, adultos e idosos que englobam milhões de brasileiros que deixaram de frequentar a escola.

O recuo na procura pelos cursos é atribuído pelos analistas, sobretudo, à precariedade e inadequação da oferta – considerada pouco atrativa e relevante, devido à abordagem estritamente setorial, ao despreparo dos docentes, aos rígidos modelos de organização do tempo e espaço escolar, e à desconexão dos currículos com as necessidades de aprendizagem dos jovens, adultos e idosos. (PIERRO, 2017, p. 10)

É visível o desinteresse do governo federal em ampliar, e dedicar-se a essa modalidade de ensino. Para além do currículo, é necessário maior investimento para atender a essa diversidade de público e atrair estudantes da EJA para a retomada dos estudos com aulas diferenciadas, motivadoras, dinâmicas e a tecnologia, adaptada ao currículo da EJA, pode ser um recurso potencializador da aprendizagem nesse processo.

É importante sinalizar que a qualidade da educação não está atrelada apenas a um currículo, depende de uma totalidade que abrange as esferas Federais, Estaduais e Municipais, os sistemas de ensino e os sujeitos que compõem a comunidade escolar, cumprindo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2009<sup>a</sup>, p. 109) “A educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade,

visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua classificação para o trabalho”. É preciso o empenho de todos para cobrar do governo uma aplicabilidade da lei, que propõe uma qualidade educativa que vai na contramão de ofertar uma proposta de conhecimentos iguais para todos, para ser mensurado e avaliado para encaixar num padrão, sem analisar as especificidades e singularidades de cada indivíduo, de cada modalidade de ensino.

O currículo precisa de uma tessitura a muitas mãos, principalmente dos sujeitos envolvidos no processo e que estão diariamente nas escolas, que conhecem os problemas e conquistas de acordo a realidade apresentada no cotidiano. Diante do exposto, é válido ratificar a necessidade de uma contribuição autêntica dos profissionais que estão efetivamente *in loco* nas escolas, no processo de elaboração dos documentos referentes à Educação, pois são esses profissionais que colocarão em prática as ações descritas nos documentos e verdadeiramente serão capazes de inserir socialmente os estudantes da EJA de forma digna na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões realizadas ao longo deste artigo percebe-se a importância de reconhecer a trajetória e memória dos sujeitos históricos e sociais da EJA, no sentido de retomar a força e a potência desse público de camadas populares, construtores de cultura, de experiências de vida, a fim de proporcionar uma educação de qualidade e uso social dos recursos digitais.

As tecnologias e a inovação ganharam, na contemporaneidade, espaços expressivos na Educação. O diálogo com os teóricos neste estudo evidencia que a educação aliada as tecnologias digitais tornam o aprendizado mais dinâmico, impulsionam o aprendizado, promovem maior interatividade e engajamento dos estudantes, contribuindo também na conquista de autonomia no processo de aprendizagem, na criticidade e na formação social. Ademais,

a educação inovadora convoca os estudantes a utilizar equipamentos, em especiais os dispositivos móveis no seu cotidiano, e os professores podem aplicá-los como mais um recurso tecnológico com sabedoria, em consonância ao currículo escolar, visando também a promoção da justiça social, posto que inclui estudantes jovens e adultos na educação da era digital, ajudando a reduzir as desigualdades sociais.

Para além dos aspectos supracitados, o contato com a tecnologia possibilita ajudar no desenvolvimento de habilidades e competências profissionais, que auxiliarão no trabalho, melhorando as perspectivas de futuro dos estudantes da EJA. Entretanto, não basta apenas inserir a tecnologia nas propostas educativas de maneira fragmentada, é preciso um novo olhar na forma de elaborar intervenções e estratégias de aprendizagens, buscar meios de contextualizar os saberes no qual os educandos possam de fato explorar as aprendizagens de maneira dinâmica, colaborativa e produtiva. Os educadores também precisam participar de formações para que possam desenvolver propostas educativas que incorporem a tecnologia na sala de aula de forma interdisciplinar a partir dos diferentes contextos e os governantes precisam estruturar as escolas quanto a conectividade, aparelhos tecnológicos adequados.

Sabe-se que as escolas não precisam acompanhar a velocidade com que a tecnologia evolui, o importante é aderir ao seu uso de acordo a realidade de cada instituição de ensino. São diversos entraves que as escolas públicas vivenciam, nem sempre é possível renovar os equipamentos, oferecer acesso à internet e profissionais especializados para manutenção do aparato tecnológico, incluindo um quadro docente qualificado. Por mais que a tecnologia esteja presente na vida dos profissionais da educação, dos estudantes da EJA, o ambiente escolar ainda não alcançou o potencial que as tecnologias podem oferecer por falta de políticas públicas efetivas e de investimentos dos governantes que verdadeiramente priorizem a educação. São diversos os desafios impostos à

escola e ao professor da contemporaneidade e pensando nos estudantes da EJA, sabendo que as tecnologias podem impactar positivamente se integradas e adaptadas as práticas pedagógicas voltadas para a inovação nas salas de aula, é válido legitimá-las como um recurso de empoderamento a essa modalidade de ensino.

Por fim, as tecnologias digitais, quando bem instituídas na instituição de ensino, traz benefícios para as propostas educativas, desde o uso de ferramentas para desenvolver habilidades da linguagem digital nas salas de aula, como a produção de conhecimentos que implicados com as diversas linguagens, visando desenvolver habilidades que integrem a criatividade e inovação nas salas de aula das escolas públicas, em particular com os estudantes da EJA que precisam com urgência serem incluídos na sociedade de forma digna e justa apoiados no direito à educação de qualidade ao longo da vida.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. A. **Tecnologia na escola: Abordagem pedagógica e abordagem técnica**. São Paulo, Engagé, 2014.
- ALONSO, K. M; ARAGÓN, R; SILVA, D. G; CHARCZUK, S. B. **Revista de Educação a Distância**. Aprender e ensinar em tempos de cultura digital. v. 1, n. 1, 2016.
- AMORIM, A. Inovação, qualidade do ensino e saberes educacionais: caminhos da gestão escolar contemporânea. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara. V.10, n.2, abr./jun., p. 400-416, 2015.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <<https://projetoacademico.com.br/citar-constituicao-federal/>>. Acesso em 25 mai. 2020.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 16 set. 2020.

- BRITO, M. G. e ROCHA, M. N. J. **Revista Práxis Educacional**. Cultura escolar, práticas e conteúdos de linguagens no cotidiano do Colégio Estadual David Pereira. 2022, v.18, n.49. 16 nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/11167>. Acesso em jun. 2023
- CATELLI JR, R. **O não-lugar da Educação de Jovens e Adultos na BNCC**. 26 abr. 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/39500381/O\\_N%C3%83O\\_LUGAR\\_DA\\_EDUCA%C3%87%C3%83O\\_DE\\_JOVENS\\_E\\_ADULTOS\\_NA\\_BNCC](https://www.academia.edu/39500381/O_N%C3%83O_LUGAR_DA_EDUCA%C3%87%C3%83O_DE_JOVENS_E_ADULTOS_NA_BNCC)>. Acesso em: 20 set. 2019.
- CASTELLS, M. **Comunidade Cultura e Arte**. A sociedade da informação em rede aos olhos de Manuel Castells. 24 Jun. 2018. Disponível em: <https://www.comunidadeculturaearte.com/a-sociedade-da-informacao-em-rede-aos-olhos-de-manuel-castells/>>. Acesso em: 12 mai. 2020.
- DI PIERRO, M. C. (Coord.). **Centros públicos de educação de jovens e adultos no estado de São Paulo**. São Paulo: FEUSP, 2017. Disponível: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/148/127/6381>>. Acesso em: 20 set. 2020.
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramento Digital: Aspectos Sociais e Possibilidades Pedagógicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 7. ed. - São Paulo: Atlas, 2019.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- JODELET, D. (1999) **Pensée et mémoire sociale**. In D. Jodelet (Org.), *Manuel de psychologie sociale* (pp.111-159). Paris: J. P. Petard Ed.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Magazine Tekokultura**. New Literacies: Technologies and values. V.9, n.1: 45-69, 2012. Disponível em: <http://everydayliteracies.net/files/RemixTeknokulturaEnglish.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2020.
- MAGALHÃES, L. D.; ALMEIDA, J. R. Relações simbióticas entre Memória, História e Educação. In: História, Memória e Educação. Campinas: Alínea, 2011.
- MORAN, J. M. C. Contribuição das tecnologias para a transformação da educação. **Revista Com Censo**, 14, v.5, n.3, p. 08-10, ago. 2018. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2018/08/Entrevista\\_Tecnologias\\_Moran\\_Com\\_Censo.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2018/08/Entrevista_Tecnologias_Moran_Com_Censo.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2020.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, 291 p.
- OLIVEIRA, I. B. **Tendências recentes dos estudos e das práticas curriculares**. Disponível em [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/1SF/Tendencias\\_praticas\\_curriculares](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/1SF/Tendencias_praticas_curriculares). Acesso em 18 ago. 2010.
- PRENSKY, Marc. Imigrantes Digitais. **Folha.com**. 03 de out. de 2011. São Paulo [Entrevista concedida a] Patrícia Gomes. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/international/Leia%20entrevista%20do%20autor%20da%20expressao%20imigrantes%20digitais.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2020.
- POLLAK, M. **"Memória, esquecimento, silêncio"**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.
- SOUZA, L. G. Gestão escolar e Educacional: os desafios construídos no caminho entre Anansi e Nyame. In: Lanara Guimarães de Souza; Márcia de Freitas Cordeiro e José Wellington Aragão. (Orgs.) **Entre reflexões e relatos: vozes de sujeitos implicados com a Gestão Educacional**. V. 01, p. 01-351, 23 ed. Salvador: EDUFBA, 2016.
- SCHARTZ, B. (1990). **The reconstruction of Abraham Lincoln**. In D. Middleton & D. Edwards (Orgs.), *Collective remembering* (pp. 81-107). London: Sage.

*Recebido em: 27/9/2023  
Aprovado em: 28/10/2023*